



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Beschizza Valentin, Renato; Renato Cavichioli, Fernando
Futebol, escape e mimesis: um estudo sobre representações sociais
Movimento, vol. 13, núm. 3, septiembre-diciembre, 2007, pp. 65-89
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115314345004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Futebol, escape e *mimesis*: um estudo sobre representações sociais

Renato Beschizza Valentin*
Fernando Renato Cavichioli**

Resumo: O presente texto procura revelar o esquema de orientação (configuração) entre tempo tedioso, futebol, *mimesis* e cotidiano, mediante a análise dos discursos dos moradores da COHAB de Presidente Prudente/SP. Primeiramente, efetuaremos análises acerca de pontos específicos sobre as representações sociais; posteriormente, explicitaremos uma análise sintética sobre as representações sociais do futebol que apontam para o sentido do escape, com base nas contribuições de Norbert Elias, Eric Dunning e Roberto da Matta.

Palavras-chave: Futebol. Estresse. Lazer. Representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto foi produzido a partir das análises acerca de um sentido que se encontra associado às práticas futebolísticas dos moradores do bairro COHAB de Presidente Prudente, SP, com o objetivo de revelar o esquema de orientação (configuração) entre tempo tedioso, futebol, *mimesis* e cotidiano, mediante a análise dos discursos dos seus moradores. Para tanto, estruturamos a apresentação da análise da seguinte forma: primeiramente, efetuamos análises acerca de pontos específicos sobre as representações sociais. Posteriormente, explicitamos uma análise sintética sobre as representações sociais do futebol que apontam para o sentido do escape, com base nas contribuições de Norbert Elias (1998), Norbert

* Mestrando em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: revalentim@yahoo.com.br

** Doutor em Educação. Departamento de Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: cavicca@ufpr.br

Elias e Eric Dunning (1992) e Roberto da Matta (1990) para uma compreensão do tempo em termos sociológicos. Vale dizer que a configuração apontada no início desta seção produz representações sociais sobre o futebol como elemento cultural que, através de sua atividade no cotidiano dos indivíduos, proporciona um escape ao tempo tedioso e rotineiro, ao passo que produz tensões e distrações nas teias de relações futebolísticas que se formam no lazer dos jovens rapazes moradores do bairro COHAB.

2 DISCUSSÕES METODOLÓGICAS

Todas as discussões que constituem este texto foram possíveis mediante a construção de entrevistas semi-estruturadas com nove atores sociais do sexo masculino, com idades na faixa dos 14 aos 30 anos. As entrevistas foram construídas em dois lugares lúdico-esportivos da COHAB: o Parque das Andorinhas e o Sistema de Lazer Jardim Balneário Vale Verde (SL). Nesse sentido, queremos destacar que a interação entre sujeito pesquisador-pesquisado ocorreu no cerne dos acontecimentos futebolísticos do bairro. Dessa forma, o trabalho objetivou compreender as relações entre os sentidos das representações sociais sobre futebol e as práticas cotidianas engendradas em torno do futebol.¹

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Vejamos os depoimentos colhidos pelas entrevistas:

Ah, meu futebol é o seguinte: eu gosto de jogar futebol pra distrair um pouco. (JOÃO).

¹ Um maior detalhamento do estudo em sua totalidade (metodológica e analítica) pode ser encontrado em: VALENTIN, Renato B. **Os sentidos das representações sociais sobre futebol e as práticas cotidianas: o caso dos atores sociais moradores do bairro COHAB de Presidente Prudente, SP.** 2006. 284 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

Ah [...] você se distrai, né, jogando um futebol, né.
Tem hora que cê tá parado, a única coisa pra te
distrair mesmo é jogar um futebol, né. (DIEGO).

Podemos perceber que os dois enunciados se iniciam com recursos exclamativos que, no caso, transmitem um tom simplório, corriqueiro ao conteúdo nele expresso. No primeiro caso, o que se encontra é uma resposta ao nosso pedido para que o ator social falasse um pouco sobre o seu envolvimento com o futebol; no segundo caso, trata-se de uma resposta dada pelo ator social em face da pergunta sobre o que ele percebe no futebol que lhe faz gostar do esporte. O recurso lingüístico (“Ah!”) é utilizado espontaneamente pelos atores sociais porque implica uma qualificação de rotineiro e de óbvio ao futebol, dada a sua recorrência no dia-a-dia para determinado fim: a distração. O futebol é um elemento cultural tomado pelos atores sociais moradores da COHAB no intuito de se distrair, de se entreter, de fazer o tempo correr de maneira não-tediosa. No nível do intradiscursivo, no segundo fragmento percebemos que a falha na emissão de dizeres vem reforçar o quão inserido no cotidiano dos atores sociais se encontra o futebol que distrai, que entretém e que escapa à monotonia e à vagarosidade do tempo (“Tem hora que cê tá parado, a única coisa que tem pra te distrair mesmo é jogar um futebol, né”) concernente ao dia-a-dia destes mesmos atores sociais.

Outro fator que, somado aos primeiros apontamentos já traçados acerca dos dois primeiros fragmentos, pode contribuir para a compreensão do tempo do futebol como tempo de distração, de escape ao tédio, é que essa orientação temporal perfaz o estilo de vida cotidiano daqueles que estabelecem residência no bairro COHAB e redondezas. Isso porque o ator social que discursa no primeiro fragmento é João, um rapaz que mora no bairro desde o seu nascimento e desde as origens do bairro, isto é, que participa de configurações locais mais antigas e que construiu sua experiência mediante a individualização dos controles e regulações trazidos à tona pelas formas através das quais os atores sociais se encontram interligados e são obrigados a conviver no cotidiano do bairro. Diferentemente de João, Diego reside nas imediações há apenas

duas semanas, o que implica que este ator social se inseriu na rede de relacionamentos do bairro ainda de modo superficial e discreto, logo, seu modo de inserção no lugar do futebol é repleto de formalidade e respeito, diante dos moradores, dos nativos daquela localidade. Considerando o grau, o tempo e o modo de inserção de João e Diego nas configurações que se constroem no seio da vida cotidiana do bairro, no entanto, percebemos que a necessidade do futebol como forma de distração em meio ao marasmo e como alternativa ao tempo tedioso é moldada e provocada pelas formas específicas de convívio e de sociabilidade que perfazem o cotidiano da população investigada, devido às transformações do bairro que se processaram ao longo de sua história no seio da sociedade urbana de Presidente Prudente, SP. Sem maior diferenciação advinda de um acúmulo desigual de experiências ao longo da existência dos atores sociais no bairro, a necessidade de jogar futebol como distração é uma regularidade social, que pode ser empiricamente comprovada, inerente a qualquer indivíduo que localize sua existência nos limites do bairro COHAB de Presidente Prudente, SP. Provavelmente, a única diferença entre João e Diego que tangencia essa apropriação cotidiana do futebol como atividade distrativa são as (in)formalidades (des)necessárias no momento de inserção na prática futebolística. Por exemplo, o ator social denominado Diego afirma por duas vezes, através de suas palavras, os pequenos costumes, comportamentos e ritos necessários para a sua aceitação no cenário futebolístico do Parque das Andorinhas, já que ele mesmo se considera ainda um *outsider*, um forasteiro recém-chegado à localidade:

Aqui tem muitos campos, né [...] áreas de lazer têm bastante aqui, né, que nem, bom, eu vim aqui hoje, aqui só, mas eu achei legal aqui. Ainda eu cheguei ali, eu tava sentado ali, a bola caiu lá e eu falei: “Ô, tem como eu jogar?”. Os cara falou: “Não, pode vim aí!”. [...] Aí o cara falou: “Não, pode vim aí, joga aí!”. E aí eu tava jogando. [...] Eu vim sozinho, andando, aí eu falei: “Vô dá uma volta aí ver se eu acho um campo”. [...] É. Aí eu cheguei aí, sentei ali e tava vendo eles jogá. Aí eu vi um molequinho vindo embora, aí eu falei: “Eu posso entrar aí?”. Aí eles falou: “Pode”. (DIEGO).

O ator social descreve, através dos seus dizeres, um decoro futebolístico, enquanto pauta de condutas que deve ser observada em situações especiais, exigido no cotidiano de determinado ator social devido à sua posição de recém-chegado, de novo no “pedaço”:

O decoro nos põe diante de ritos interativos, mesmo onde aparentemente eles não existem. Mas, nos põe também diante de uma concepção da sociabilidade humana: a de que o processo interativo é concebido por seus participantes não apenas como uma *relação social*, mas como uma *situação social*. É a situação social que reclama de cada um de seus participantes a observância do decoro. De certa maneira, o decoro expressa claramente o caráter comunitário da interação social e das relações sociais, mesmo nas sociedades já dominadas pelo pressuposto contratual dos relacionamentos, como é o caso das sociedades modernas. É claro que as mesmas pessoas, em diferentes situações sociais, são chamadas a observar diferentes normas de decoro: o que é decoroso numa situação pode ser impróprio ou descabido em outra. E o que é decoroso numa pode ser observado em outra sem maiores consequências. (MARTINS, 1999, p. 13).

Diego caminha sozinho pelo bairro à procura de um campinho, encontra-o, senta e observa aqueles que já se encontram em situação de jogo; aguarda, então, a oportunidade certa para se aproximar, que logo vem quando a bola é deslocada para fora do espaço da quadra com um chute e um menino vai embora; Diego manifesta um pedido de aceitação e logo recebe um unânime sinal positivo para, aí sim, participar concretamente das partidas que ali acontecem. O discurso de João apresenta modos mais informais, mais frouxos e relaxados de acesso ao futebol, haja vista o seu tempo de permanência no bairro como residente e de frequência no Parque das Andorinhas para se distrair um pouco jogando futebol com os amigos:

Ah, eu jogo com os amigo: o Éder, Marcos, quem for, né. [...] Ah, aí é só alegria, né meu, é um zoando o outro. Aí vai e monta o time e assim vai. Não existe desavença entre nós, é tudo amigo.

Geralmente sai uma discussão, mas aí é do futebol, faz parte do futebol. (JOÃO).

É interessante notar como diferentes atores sociais, situados de diferentes formas nas teias de relacionamentos que perfazem o cotidiano futebolístico do bairro COHAB, representam o futebol como prática distrativa, bem como incorporam um mesmo *habitus* específico de apropriação do futebol nesse mesmo sentido.

Por outro lado, a distração aparece em alguns discursos como que amalgamada ou mesmo substituída por uma função terapêutica, de combate ao estresse advindo dos problemas inerentes à rotina da vida cotidiana. Essa representação social do futebol não se constitui apenas uma peculiaridade, mas um dado sociológico de extrema relevância, pois é notável como os discursos dos quais emergem essa representação são constantemente evocados pelos atores sociais, o que indica um profundo enraizamento cultural da referida representação social:

Igual eu falei pra você [...] você tá, às vezes, com algum problema em casa, problema pessoal seu. A partir do momento que você chega e começa a conversar com o pessoal, começa a interagir e jogar um futebolzinho junto ali, correr e tal, suar, você esquece seus problemas, você vai pra casa, assim, e já tranqüilo, com a cabeça mais tranqüila. Particularmente, pra mim, antes de ser um *hobbie*, é tipo uma terapia, cara, o futebol é bom demais. [...] Se eu tô nervoso e tal, eu venho, bato um futebolzinho aí com os amigo aí. Ajuda você a esfriar a cabeça, tal [...]. (PEDRO).

No primeiro fragmento, o futebol aparece como uma prática que pressupõe o encontro e a interação com o “pessoal”, bem como: 1) o esquecimento dos problemas advindos do cotidiano domiciliar e 2) o desfrute de uma forma prazerosa de estresse. No entanto, realizaremos uma análise mais específica acerca do primeiro ponto, posto que a problemática do estresse prazeroso será analisada mais adiante a partir de discursos nos quais essa questão aparece com maior profundidade e relevância. Sendo assim, o jogo de futebol compreende mais que um tempo destacado da rotina cotidiana, trata-se

de um tempo de recuperação, um tempo de terapia, de forma que o ator social pode esquecer de seus problemas pessoais e domiciliares. É como se pudessem construir, através de seus encontros no futebol, alguns episódios cotidianos em detrimento aos momentos problemáticos da vida no âmbito da casa, nos quais eles reordenam seu mundo social para um estado de maior harmonia e de maior liberação. Pode-se dizer que o futebol é um enclave terapêutico e renovador na vida dos moradores da COHAB. No segundo fragmento, encontramos um discurso semelhante ao anterior, o que já se esperava por se tratar do mesmo ator social: o acúmulo de tensões nervosas torna-se o fator de necessidade que o move ao futebol, sob a perspectiva de – junto aos amigos – esquecer os problemas ou regular seus pensamentos para, aí sim, tratar os problemas com maior sobriedade (“esfriar a cabeça”). Torna-se interessante notar como a presença dos amigos nos dois discursos de Pedro, juntamente com outros indivíduos quaisquer que desfrutam do futebol na COHAB, constituem a configuração na qual o Pedro irá imergir após o escape, sob o pretexto do futebol, de seus problemas pessoais e/ou domésticos. Seria confuso compreender o escape sem considerar o ponto de chegada da referida fuga, o que implica uma compreensão acerca dos contrastes entre o regime de comportamentos mais ou menos estável propiciado pela maneira específica que Pedro e seus amigos se encontram ligados e relacionados em seus episódios futebolísticos na COHAB. Ainda que a amizade pressuponha uma relação que se estende às múltiplas situações da vida cotidiana, podemos dizer que essa mesma relação de amizade, quando situada nos jogos de futebol, assume uma outra configuração. O que parece atrair o referido ator social para o desfrute do futebol acompanhado pelos amigos é o efeito provocado, em seu dia-a-dia, pelos costumes, os comportamentos e as práticas propiciadas pelas interdependências de tais indivíduos em torno de uma prática cultural específica, o futebol: “[...] você chega e começa a conversar com o pessoal, começa a interagir e jogar um futebolzinho junto ali, correr e tal, suar, você esquece seus problemas [...]”. Muito provavelmente, um possível encontro entre Pedro e seus amigos no seu local de trabalho ou na agência bancária localizada na COHAB, por exemplo, não preencheria a necessidade do escape, já que a integração entre esses indivíduos nestes locais seria carregada por uma formalidade, por uma regulação devida, de modo que aproximaria o tempo de

integração com os amigos e o tempo tedioso e regulado da casa com a família. Não pretendemos esgotar agora as discussões acerca do convívio futebolístico na COHAB, pois esse ponto foi analisado em um outro momento do nosso trabalho. Por hora, nosso objetivo é analisar com um maior grau de precisão as representações sociais do futebol que apontam para o sentido do escape.

Ainda sobre a relação entre escape e distração, encontramos nos dois fragmentos seguintes duas ocorrências do verbo *esquecer* associado, primeiramente, a *distrair* e, posteriormente, a *desestressar*:

Pra mim, tudo. E até quando você tá meio nervoso ou alguma coisa assim, você joga já pra distrair, pra esquecer de algum problema. Eu, pra mim, serve pra tudo, distração, serve pra tudo. (JAIR).

[...] é uma coisa que eu me sinto bem, que eu desestresso, que, sei lá, que eu esqueço os problemas, fica tudo pra trás quando eu tô jogando uma bola. (EDSON).

No primeiro caso, a associação entre *esquecer* e *distrair* se dá num enunciado que representa a resposta do ator social ao nosso questionamento sobre o que seria o futebol para ele. Jair começa demonstrando que o futebol assume o patamar de uma atividade essencial ou fundamental em seu cotidiano, o que é perfeitamente compreensível, pois o futebol toma parte na vida de Jair desde a infância – fase da vida em que, segundo Elias (1993) o aparato psicológico do indivíduo sofre uma modelação profunda devido à individualização de uma série de mecanismos de controle social advindos dos processos de aprendizagem aos quais o infante é submetido e nos quais ele assume uma condição humana – e, desde então, esta prática assumiu diversos papéis em diferentes esferas da vida cotidiana do referido ator social, em que podemos destacar a esfera econômica.² Logo em seguida, Jair expõe um episódio no

² Ao longo das entrevistas, o ator social denominado como Jair revelou sua trajetória como jogador de futebol federado, cujas atuações se deram em clubes como o Corinthians (SP), Atlético Paranaense (PR), Portuguesa Santista (SP) e Goiás (GO) – apenas para citar aqueles clubes cujas equipes se destacam nas competições oficiais em âmbito nacional.

qual ele joga futebol para se distrair. No entanto, não se trata de uma distração qualquer, mas de uma distração associada à intenção de esquecer algum problema. A distração futebolística constitui-se como uma forma de se esquecer algum problema, isto é, o escape futebolístico se dá em relação à existência de algum problema advindo da vida cotidiana do ator social. Já em relação ao discurso de Edson, o que se percebe é que o esquecimento de problemas cotidianos ocorre como um efeito do ato de desestressar no futebol e através dele. Cabe ressaltar que o esquecimento dos problemas perfaz tão-somente o tempo futebolístico de Edson: “[...] fica tudo pra trás quando eu tô jogando uma bola”, dado que o relaxamento das tensões nervosas (desestresse) advindas da vida cotidiana traz ao seu nível sensorial uma condição de bem-estar. Proni (2002) comenta a crítica de Jean-Marie Brohm, cuja orientação analítica repousa no campo do marxismo, acerca da funcionalidade do esporte como forma de canalização da energia social das massas populares, de modo que muitos críticos do esporte passaram a interpretá-lo como fator responsável pelo abrandamento da revolta dos trabalhadores diante das más condições de trabalho impostas pelo patronato:

Ao examinar a funcionalidade atribuída ao esporte no sistema capitalista (na sociedade urbano-industrial), Brohm confere grande importância à função psicológica de canalização da energia social das massas, de catarse e transmutação da energia psíquica agressiva. O espetáculo esportivo, visto por essa ótica, opera como uma “fábrica de sentimentos massivos”, que permite a produção e a descarga de emoções pela massa. Em outras palavras, o esporte é um meio institucionalizado e lícito que permite às massas descarregar seu excesso de energia, esvaziar seu ressentimento, suas frustrações e suas decepções. É a instituição moderna típica do desencadeamento relativamente controlado dos afetos das massas, funcionando como um “grande catalisador coletivo de sentimentos”. (PRONI, 2002, p. 48).

No entanto, entendemos que a função das atividades lúdicas e esportivas como fator de alívio ou de relaxamento das tensões provocadas

pelas contradições do mundo do trabalho deve ser encarada como um problema em aberto, de modo que a aceitação destas “verdades” partilhadas na linguagem cotidiana, desprovida de um tratamento concreto das evidências empíricas de práticas esportivas no âmbito do lazer, pode incorrer em análises arbitrárias e carregadas de uma simplificação do fenômeno do lazer somente como o contraponto do trabalho. Portanto, concordamos com a avaliação de Elias e Dunning (1992) sobre a afirmação comumente aceita de que o lazer e o esporte provocam um relaxamento das tensões corporais do mundo trabalho, mesmo porque, conforme será explicitado mais à frente, o que percebemos no decorrer do presente trabalho é um processo diferente e, no extremo, que se dá num sentido oposto:

A tendência para se explicar as actividades de lazer em termos da sua função, como um meio de proporcionar a “relaxação das tensões” ou “recuperação das fadigas do trabalho”, é um indicador dessa hipótese largamente divulgada nos textos contemporâneos da sociologia, traduzindo a idéia de que as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas se procuram ver livres, porque é que no seu tempo de lazer elas se voltam sempre a procurar uma intensificação das tensões? Em vez de condenar as tensões como algo que prejudica, não se deveria antes de explorar as necessidades que as pessoas revelam por uma dose de tensão, enfim, como um ingrediente normal nas suas vidas? Não se deveria antes tentar distinguir com maior clareza entre tensões que são sentidas como agradáveis e tensões que são sentidas como desagradáveis? É bastante fácil ver que um denominador comum de todos os factos de lazer é o de estimular o aparecimento de tensão agradável. Então, o que significa dizer que a função do lazer é proporcionar relaxação das tensões? Esta é uma das questões que exigem demonstração. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 142-143).

O que percebemos no decorrer das nossas análises é que o estresse proporcionado pelas relações que se dão nos jogos de futebol

da COHAB é um fator contrastante àquele estresse provocado pelas relações que se dão em outras esferas da vida cotidiana dos atores sociais, o que, em linhas gerais, explica a construção eminentemente social de episódios diários nos quais esses mesmos atores se apropriam de um estado emocional, caracterizado pela explosão, pela tensão, pelo risco e pelo estresse prazenteiro. Podemos observar que a busca pelo futebol como momento destacado do seio das relações cotidianas, no qual se encontra uma forma peculiar de estresse e de tensão, é apontada com bastante ênfase no discurso de Edson, explicitado nos três fragmentos que seguem:

Tipo, o violão, tipo, parte mais pro lado assim, tipo, de uma cultura de vida, assim, tipo clássica, de vida tranquila. O futebol já é uma vida agitada, o tempo que você tá jogando bola você grita, você fica nervoso, você xinga. Por isso que dá diferença, por isso não tem explicação com qualquer outra coisa se não, a não ser o futebol. No futebol, você esquece da vida, você xinga todo mundo e, quando acaba, tá tudo bem de novo, ninguém é inimigo de ninguém.

[...] eu, jogando bola, eu fico estressado da vida, eu fico nervoso. Se eu tô jogando, o cara dá um passe errado ou eu mesmo erro alguma bola, perco um gol que seria fácil de fazer, eu se estresso, eu falo palavrão, eu xingo todo mundo, eu xingo o juiz, eu xingo, quem tiver na minha frente eu xingo, xingo mesmo.

Mas é coisa que fica aí dentro das quatro linhas, entendeu. É só num passar daí, acabou.

Pensamos que os três fragmentos acima, que compreendem uma congruência discursiva de Edson, podem atestar algumas colocações já realizadas ao longo deste texto sobre o escape futebolístico na COHAB. Falamos assim porque a representação social sobre futebol veiculada pelo discurso do ator social carrega alguns elementos férteis para a análise que aqui nos propomos, ao passo que podemos compreender a necessidade que os atores sociais mantêm de construir um escape futebolístico mediante a forma como se encontram ordenadas e ajustadas as suas teias de relações cotidianas.

Os discursos de Edson são elementos empíricos de grande importância, dentre outros aspectos, porque os seus enunciados explicitam de maneira bem clara como se dá o supracitado escape nas situações concretas de desfrute do futebol nos lugares de esporte e lazer do bairro COHAB, bem como o tipo peculiar de estímulo emocional experimentado enquanto elemento determinante da distinção/integração da prática futebolística no seio das atividades cotidianas dos atores sociais. Podemos perceber que o ator social se refere ao jogo de futebol como um episódio no qual o grau de agressividade, de tensão e de agitação é muito maior se comparado com outras situações da sua vida cotidiana: isso pode ser verificado se atentarmos para a comparação existente no primeiro enunciado, através da qual Edson argumenta as diferenças entre a vivência do tocar violão e a vivência do jogar futebol. O violão é associado a uma vida tranqüila, clássica, o que implica uma existência social cujo equilíbrio entre pulsão e restrição se encontra estável ou mesmo uma existência produzida através de um alto grau de internalização das disciplinas, dos controles, das regulações. Ao contrário, o futebol assume o papel de proporcionar ao ator social a vivência controlada e permitida de um descontrole emocional, de uma tensão que é agradável ao indivíduo: é o que diferencia o futebol das outras atividades cotidianas (“Por isso que dá diferença, por isso não tem explicação com qualquer outra coisa se não, a não ser o futebol”). Nas situações de futebol, é permitido a Edson o ato de xingar um outro parceiro de jogo sem que isso soe como uma ofensa pessoal, mas como uma manifestação “natural” de um jogador envolvido em uma partida tensa e/ou cheia de riscos. Mesmo a autoridade denominada de juiz, que, no futebol, assume a função de representante do regulamento, pode ser “xingada” pelos jogadores sem que haja alguma punição de ordem legal ou social. Por duas vezes, Edson faz a ressalva de que as práticas e os comportamentos assumidos pelos indivíduos nas situações de jogo são descartados da consciência social com o final do episódio futebolístico, o que explica a ausência de gestos ou de costumes que demonstram alguma inimizade entre os partícipes do jogo de futebol.

Os estudos de Elias e Dunning sobre o lazer trazem contribuições que vão ao encontro das nossas análises:

A estimulação emocional peculiar e a renovação de energias proporcionada pelas actividades de lazer da categoria mimética, culminando numa tensão agradável, representam um equivalente mais ou menos institucionalizado face ao poder e à uniformidade das restrições emocionais exigidas por todos os tipos de acções intencionais dos indivíduos nas sociedades mais diferenciadas e civilizadas. A agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer representa assim, ao mesmo tempo, o conhecimento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas “racionais” da vida; enquanto a estrutura das próprias organizações e das instituições miméticas representa a antítese e o complemento das rotinas formalmente impessoais e das instituições orientadas para o trabalho, que deixam pouco espaço às emoções apaixonadas ou às oscilações de disposição [...] A esfera mimética constitui uma parte distinta e integral da “realidade” social. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 115-116).

A citação acima sintetiza a tese de Elias e Dunning (1992) acerca do lazer enquanto instituição mimética no seio de um cotidiano altamente regulamentado e normatizado, que se constrói em apreço a um tempo tedioso, a um tempo de monotonia que se expande a todo o manto da vida social. Logo, o contraponto do lazer face às exigências existenciais dos atores sociais moradores da COHAB se dá de maneira integrada ao cotidiano: é o escape previsível no campo futebolístico, que só possui razoável autonomia diante do campo social mais amplo, pois se faz sob essa égide hegemônica, qual seja, tediosa. Entendemos que a categoria mimética pode ser aí pensada tomando tanto a necessidade do escape, quanto a vivência controlada de uma tensão agressiva e agradável proporcionada pelo futebol, enquanto aspectos diferenciados de uma busca existencial nos jogos de futebol por situações complementares e distintas das rotinas dotadas de um alto grau de restrição e de controle. Logo, se

faz necessária uma compreensão das atividades miméticas como integradas ao e propiciadas pelo cotidiano dos atores sociais, ainda que as características que melhor definam cada momento de socialização se apresentem diametralmente opostas entre si:

A categoria mimética não pode ser considerada fantasia, pois faz parte integral da realidade social, sendo o pólo oposto da uniformidade das restrições emocionais. Os sentimentos acabam fluindo nesse contexto simbólico, aliviando-se o fardo inerente à vida cotidiana. Na vida cotidiana os seres humanos se esforçam para conter suas emoções decorrentes de procedimentos que foram desenvolvidos durante várias gerações, e isso não é uma atitude “natural”, há realmente um empenho para manter esse controle. Viver em sociedade e conservar esse amplo controle dos sentimentos de acordo com padrões desenvolvidos só é possível se ocorrer a aprendizagem; para se tornar humano, os impulsos primários são colocados sob controle, ajustados a cada situação social construída. A aprendizagem do autodomínio passa a ser uma condição humana universal. (CAVICHIOILLI, 2004, p. 186).

Por fim, pensamos que a relação anunciada no início deste texto pode ser agora apresentada com maior precisão, pois a compreensão de Elias e Dunning sobre a *mimesis* do lazer nos propiciou a desmistificação de falsos problemas, o levantamento de questões valiosas que até então permaneciam na escuridão e um olhar mais minucioso sobre o escape futebolístico. A esfera mimética, constituída pelo futebol, do cotidiano na COHAB só pode existir enquanto um *habitus* socialmente compartilhado pela comunidade, isto é, um *habitus* especificamente comunitário, na medida em que todo o morador do bairro COHAB, a partir do momento em que avança para a vida adulta, começa a se envolver em uma série de relações formais que exigem um controle mais rigoroso de suas práticas cotidianas. Diante desse cotidiano repleto de práticas e relações mais ajustadas, os moradores da COHAB produziram, através de uma forma específica de associação no tecido urbano, uma série de episódios nos quais o “ritmo” da convivência

permite uma contravenção à ordem de convivência dominante, através de um descontrolo controlado das emoções que assume o sentido de escape. Essa compreensão traz consigo a resposta para uma indagação: como é que a necessidade, aparentemente individual, de escapar da monotonia e do tédio mediante a vivência de um estresse agradável nos jogos de futebol assume o patamar de *habitus* social, se estendendo a todo tecido urbano do bairro COHAB? Nesse momento é que a relação da categoria mimética com o autocontrolo e a aprendizagem, pronunciada ao final da última citação de Cavichioli (2004), traz à tona o entendimento de Norbert Elias (1998) sobre o processo de humanização dos indivíduos através da sua integração em grupos que já possuem uma pauta de regulações, que, por sua vez, produzem os diversos *habitus* sociais característicos desses mesmos grupos, bem como formadores das suas respectivas identidades. A aprendizagem é um processo eminentemente humano, ou melhor, necessário à humanização dos indivíduos,³ considerando que é através desse processo que a criança se torna um ser humano, pois este processo apresenta como efeito uma individualização de dados sociais, ou no que se refere mais especificamente a este estudo, a individualização de uma necessidade, por parte dos moradores da COHAB, orientada para a busca de episódios futebolísticos de escape. A absorção do tempo futebolístico pelos moradores da COHAB como episódios esparsos de excitação, de explosão emocional e de estresse, acompanhando o fluxo incessante (diário) de uma série de existências individuais interligadas e interdependentes, é uma condição necessária para a sobrevivência do indivíduo face às agruras e à aridez de um cotidiano monótono, problemático ou tedioso na COHAB. É interessante

³ Norbert Elias (1998) defende a tese de que a aprendizagem de símbolos é uma particularidade que nos distingue e nos diferencia do restante dos seres vivos, pois através dela é que os homens individualizam saberes e regras de controle das pulsões, de modo que possam se orientar nas suas respectivas vidas. Se a condição para a sobrevivência e para o desenvolvimento do indivíduo no seio de uma formação societária é a aprendizagem de símbolos e dados sociais em geral, os indivíduos não só podem aprender mais que os outros seres vivos, mas, sobretudo, devem aprender mais. Conforme as palavras do próprio autor: "O fato de os homens deverem e poderem se orientar em seu mundo adquirindo um saber, e de, com isso, sua vida individual e coletiva depender totalmente da aprendizagem de símbolos sociais, é uma das particularidades que diferenciam o ser humano de todos os outros seres vivos" (ELIAS, 1998, p. 20).

notar que as circunstâncias de convivência são determinantes para o surgimento, em uma série de indivíduos interdependentes, de uma regulação do tempo mais ou menos imprecisa entre a rotina diária e os episódios de escape futebolístico, de modo que o ajustamento entre tais esferas de ação humana contribua para a produção de um equilíbrio entre tensão, prazer e restrição na vida cotidiana dos moradores da COHAB. Vejamos como o próprio Norbert Elias situa o problema do controle e do autocontrole no bojo dos seus estudos, dentre os quais, o intitulado Sobre o tempo:

O problema do equilíbrio entre autodisciplina individual e restrição social externa surgiu, inicialmente, no contexto de nossa investigação quanto ao processo civilizador. E ressurgiu no decorrer desta pesquisa dedicada à questão do tempo. Assim, de certa maneira, o círculo se fecha. Essas três pesquisas, a primeira das quais referia-se ao processo civilizador, a segunda, à relação entre o engajamento e o distanciamento, e a última, ao tempo, abordam sob diferentes ângulos problemas semelhantes e, muitas vezes, até idênticos. Por exemplo, a maneira como, anteriormente, havia tentado distinguir a direção do processo civilizador, baseando-nos num material empírico detalhado, é confirmada na relação particular entre coerção externa e autodisciplina, que a introdução e o texto deste livro colocam em evidência no caso particular do tempo. A enorme internalização das restrições sociais relativas ao tempo é, com efeito, um exemplo paradigmático de um tipo de cerceamento ligado à civilização, que encontramos com frequência nas sociedades desenvolvidas. Os membros dessas sociedades podem observar em si mesmos essa compulsão a se situarem no tempo, enquanto outras modalidades de autodisciplina ligadas à civilização talvez lhes sejam perceptíveis com menos facilidade. (ELIAS, 1998, p. 30).

Norbert Elias explica que a individualização de esquemas simbólicos e de disposições práticas de orientação, em relação à instituição social do tempo, deve ser entendida como um processo no qual os controles sociais, exercidos reciprocamente entre os indivíduos interligados e interdependentes em cadeias cada vez mais

extensas de relações, se tornam cada vez mais autocontroles interiorizados pelas consciências individuais. Tais controles, que são originalmente mantidos pela coerção externa, se tornam controles internos e razoavelmente automatizados no aparelho psíquico do indivíduo, de modo que a importância e a necessidade crescente de ajustar os eventos, fenômenos e situações – rotineiros ou não –, segundo as suas respectivas ordens de acontecimento e de surgimento, de acordo com os diferentes símbolos humanos de regulação do tempo (calendários, relógios, o entardecer, o anoitecer, etc.), expressa o estágio em que se encontra determinada formação societária no curso do processo civilizador, dada a força com que a regulação e o controle das referências de medição ou de regulação impõem um ritmo peculiarmente exaustivo, fatigante e dinâmico à toda a existência social, de modo que este ritmo se caracteriza como uma resposta não-planejada a essa crescente regulação do devenir humano pelo tempo, ao passo que se afirma como condição essencial de sobrevivência nas sociedades-estado hodiernas.

Tomado como símbolo social, ao futebol remete um tempo excitante e emocionante, durante o qual os moradores da COHAB escapam das agruras e dos problemas oriundos da rotina diária, seja através da distração, do esquecimento ou da catarse emocional. Esse símbolo futebolístico será objeto de aprendizagem nos meandros de sociabilidade da COHAB, de modo que o tempo de convivência doméstica e de relações produtivas de seus moradores será regulado e, de certa forma, contrabalançado através de uma dependência com os escapes futebolísticos. A referência para o início do escape parece ser o pôr-do-sol, ao final da tarde, posto que não identificamos uma medição exata do encontro de um grupo de colegas para um jogo de futebol. Considerando o pôr-do-sol como um eixo em torno do qual gravitam os horários escolares de saída das aulas, o final do expediente de trabalho para uma grande massa de trabalhadores e a fase do dia em que o calor e o brilho do Sol estão se exaurindo, podemos dizer que esse eixo de referências temporais comunica ao conjunto de moradores a mensagem de que o futebol deverá ser vivenciado em determinadas localidades do bairro COHAB: os lugares de esporte e lazer. Em torno da prática do futebol, foi

desenvolvida toda uma estrutura no aparelho psíquico dos moradores que permite uma sensibilidade e uma (auto)regulação da conduta em relação ao tempo. A sintonização mínima de condutas e de necessidades individuais para que se possa desfrutar de um jogo de futebol só é possível através do efeito simbólico do tempo de escape como referência para a confluência das práticas cotidianas dos moradores. Tornou-se interessante notar, no decorrer das observações de campo, que diversos e numerosos moradores da COHAB se dirigiam aos lugares de esporte e lazer para jogar futebol dentro de uma mesma faixa de tempo. Trata-se de uma regularidade social que, no plano da ação, tornou-se possível devido à co-existência de dois fatores: a necessidade de tal escape produzida pelo estilo de vida socialmente partilhado e a capacidade de sintonização das práticas em um dado momento do fluxo incessante da vida, que pôde ser aprendido através da referência temporal à inúmeros processo físicos e sociais que anunciam que é chegada a “hora do futebol”:

O fato de essa regulação social do tempo começar a assumir um aspecto individual, desde uma etapa muito precoce da vida, contribui em larga escala, certamente, para consolidar nossa consciência social do tempo e torná-la inabalável. Os homens dotados dessa estrutura de personalidade tendem a apreender todas as seqüências de acontecimentos – físicos, sociais ou pessoais –, em função dos símbolos reguladores temporais utilizados em sua sociedade, como se isso fosse uma característica de sua própria natureza e, em última análise, da natureza humana em geral. Isso nada tem de surpreendente, pois quem tem uma consciência do tempo tão profundamente arraigada, tão uniforme e tão onipresente, sente dificuldade de imaginar que existam outros seres humanos desprovidos dessa necessidade constante de se situarem no tempo. Essa individualização da regulação social do tempo apresenta, em caráter quase paradigmático, os traços de um processo civilizador. (ELIAS, 1998, p. 22).

Nesse sentido, Roberto da Matta (1990) estrutura um modelo sócio-antropológico do tempo na sociedade brasileira, mediante uma

compreensão sobre como os diferentes eventos são regulados e situados na vida do brasileiro de acordo com os parâmetros de orientação temporal socialmente partilhados. Roberto da Matta afirma que existe, no Brasil, uma classificação dos eventos segundo a sua ocorrência: os eventos engendrados na rotina diária, na qual impera o tempo tedioso, ou simplesmente no “dia-a-dia”, e os eventos engendrados fora da normalidade das ocorrências cotidianas. Para cada categoria de eventos corresponde um qualificativo de natureza, qual seja, formal ou informal, de modo que encontraríamos no pólo da informalidade as festas enquanto situações sociais específicas nas quais imperam a diversão, o riso, o flerte e a brincadeira, ao passo que no pólo da formalidade encontraríamos as solenidades, tomadas como situações nas quais dominam o respeito, a hierarquia e a continência verbal e gestual. Aos eventos ordinários, no sentido de que constituem a “ordem do dia”, parece corresponder uma aproximação ao pólo da formalidade, enquanto que os eventos extraordinários parecem aglutinar uma série de situações sociais marcada pelas duas polaridades. Então, Roberto da Matta (1990) ainda vai além quando afirma que o domínio dos eventos extraordinários é composto por dois segmentos: os acontecimentos previstos e os acontecimentos imprevistos pela sociedade. O carnaval, por exemplo, seria um evento extraordinário (festa) que é produzido pela sociedade e para a sociedade, logo, previsto para uma determinada época do ano e para um determinado tempo de duração. Uma tragédia, por outro lado, seria um evento extraordinário não-previsto pela sociedade, que atinge de forma imprevisível a humanidade:

No Brasil, como em outras sociedades, há uma classificação dos eventos segundo sua ocorrência. Os eventos que fazem parte da rotina do quotidiano chamado no Brasil de “dia-a-dia” ou simplesmente “vida”, e os eventos que estão situados fora desse “dia-a-dia” repetitivo e rotineiro: as “festas”, os “cerimoniais” (ou cerimônias), as “solenidades”, os “bailes”, “congressos”, “reuniões”, “encontros”, “conferências”, etc., onde se chama a atenção para seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias

sociais, sendo por isso mesmo acontecimentos que escapam da rotina na vida diária. Tais eventos distinguem-se dos “milagres”, “golpes de sorte”, “tragédias”, “dramas”, “desastres”, “acidentes” e “catástrofes” por serem *previstos*. Neste sentido eles se constituem no que pode ser chamado de *extraordinário construído pela e para a sociedade*, em oposição aos acontecimentos que igualmente suspendem a rotina do quotidiano, mas são marcados pela imprevisibilidade, ou seja, são acontecimentos não-controlados pela sociedade. Por isso, podem ser chamados de *extraordinários não-previstos* pelas normas ou regras sociais, sendo sempre referidos como eventos que *atingem* a sociedade, conforme tornam claro as manchetes dos jornais ao anunciarem as catástrofes e tragédias. (MATTÁ, 1990, p. 39).

Trazemos à tona as observações de Matta (1990), sobre as particularidades apresentadas pelo brasileiro na apreensão e na percepção dos acontecimentos no fluxo incessante do devir, porque elas podem ser relativizadas com a representação social do futebol como escape, mapeada no discurso dos moradores da COHAB e analisada neste estudo sob a perspectiva da Sociologia Configuracional. O modelo temporal apresentado por Matta (1990) possui algumas proximidades com o tempo do futebol na COHAB, entendido como símbolo de uma série de episódios nos quais o manto de possibilidades para a vivência do risco, do prazer e da tensão é bem maior se comparado com as situações que perfazem a rotina diária, além de se configurar como produto de um esforço ímpar de compreensão da sociedade brasileira através de seus ritos e de seus heróis. No entanto, o modelo de Matta possui algumas limitações na adequação à realidade que observamos no cotidiano dos moradores da COHAB, em grande parte no que se refere à previsão ou à não-previsão dos acontecimentos, bem como a sua adequação à ordem social do cotidiano.

Como já ressaltamos ao longo das análises acerca das práticas futebolísticas, registradas através de um trabalho de observação etnográfica realizado em uma outra etapa do nosso estudo acerca da relação entre práticas e representações, o futebol na COHAB

parece ultrapassar as fronteiras comumente estruturadas no processo de compreensão das práticas sociais (sagrado/profano, ordinário/extraordinário, jogo/esporte, cooperação/conflito, lícito/ilícito, etc.). Isso se torna ainda mais nítido nas análises que empreendemos acerca das representações sociais do futebol que apontam para o sentido do escape, pois o encontro nas situações dos jogos de futebol promove uma alteração na forma como o indivíduo se encontra impelido a orientar suas ações diante dos outros indivíduos, aos quais ele é tributário, de modo a inserir elementos de tensão, de prazer e de risco no desfrute das suas práticas sociais – neste caso, especificamente comunitárias – mas ainda se encontra integrado à gama de regularidades que compõem a ordem social do cotidiano. Em suma, é um acontecimento extraordinário, na medida em que abrange um compósito de atividades prazerosas, tensas e distrativas totalmente às avessas do cotidiano (auto)regulado, normatizado e, muitas vezes, problemático, mas também é absorvido e integrado à dinâmica adequada à ordem social do cotidiano: um evento extraordinário, tendo em vista suas propriedades relacionais, mas dinamizado no seio da totalidade ordinária do tempo. Elias e Dunning já apontaram que só através de uma comparação entre os padrões e os mecanismos de controle social das sociedades ancestrais e aqueles que se verificam nas sociedades hodiernas podemos perceber com toda a nitidez um grande desnível no que se refere à frequência de situações em que os indivíduos vivenciam uma explosão incontrolada das paixões. Tais apontamentos sobre a crescente regulação do cotidiano nas sociedades contemporâneas trazem elementos importantes para identificar o cotidiano dos moradores do bairro COHAB nessa tensão constante entre o futebol e a ordem social que domina o cotidiano:

Ver homens e mulheres adultos agitarem-se em lágrimas e abandonarem-se às suas amargas tristezas em público, ou entrarem em pânico dominados por um medo selvagem debaixo do impacto da sua excitação violenta, deixou de ser encarado como normal. Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com frequência,

motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação. Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam a não se expor demasiado. Com grande frequência já não são capazes de revelar mesmo nada de si próprios. O controlo que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controlo – em parte – já não se encontra sob o seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103).

Outro ponto importante para ser ressaltado é a inadequabilidade das orientações de Matta (1990) em relação à previsão ou à não-previsão dos jogos de futebol nos lugares esportivos dos moradores da COHAB. Sabemos que o encontro nos jogos de futebol não é regulado pelos moradores da COHAB através de relógios, o que implicaria uma previsão mediante a cronometragem sincronizada das horas e dos minutos, ou calendários, o que implicaria uma previsão de curto prazo mediante a adoção mais ou menos consensual de um dia, um fim de semana e um mês. Logo, o futebol deve ser previsto através de outra referência simbólica, de caráter temporal, porque, conforme observamos, os atores sociais reúnem-se regularmente em um momento específico do dia para jogar futebol no Parque das Andorinhas e no SL. Já discutimos que a convenção temporal, produzida a partir da síntese entre os horários escolares de saída, o final do expediente laboral e o início da fase do dia em que o brilho e o calor do Sol vão se esaurindo para o escape futebolístico, é posta em uso como símbolo de um tempo prazeroso, tenso e emocional para os moradores da COHAB – do sexo masculino e cuja idade se encontra entre 14 e 30 anos – que jogam futebol no Parque e no SL. A percepção desses episódios cotidianos (saída da escola, final do expediente e pôr-do-sol) como referência para o encontro escapatório no futebol surge como um exemplo de individualização de um *habitus* social, através da apropriação de um conjunto de símbolos temporais em conformidade com as experiências específicas de cada indivíduo. No bairro COHAB, o conjunto de referências temporais que enumeramos tornou-se um elemento indispensável para que os

moradores controlem suas práticas futebolísticas de forma combinada, regular e comunitária. Podemos, então, dizer que a apropriação do tempo, na forma como ela se integra às necessidades dos moradores da COHAB em vivenciar situações de estresse, prazer e tensão no seio de um cotidiano restritivo, é um símbolo instituído e partilhado socialmente que vem responder ao patamar de relações, dependências e sobreposições que se estabelecem entre as diferentes atividades cotidianas dos indivíduos. A partir do momento em que começam a desempenhar alguns papéis inerentes à fase adulta e na medida em que se integram à vida institucional e material dos homens, os jovens moradores da COHAB desenvolvem a necessidade de construir episódios de escape e, por conseguinte, a capacidade comunitária de interpretar diferentes manifestações do mundo físico (pôr-do-sol) e do mundo humano (saída da escola e final do expediente de trabalho) como forma de orientação através da qual esses moradores possam a constituir um episódio específico de coexistência – o jogo de futebol:

[...] o tempo é algo que se desenvolveu em relação a determinadas intenções e tarefas específicas dos homens. Nos dias atuais, o “tempo” é um instrumento de orientação indispensável para realizarmos uma multiplicidade de tarefas variadas. Dizer, porém, que é um meio de orientação criado pelo homem traz o risco de levar a crer que ele seria *apenas* uma invenção humana. E esse “apenas” traduz a nossa decepção diante de uma “idéia” que não seja o reflexo de nenhuma realidade externa. Ora, o tempo não se reduz a uma “idéia” que surja do nada, por assim dizer, na cabeça dos indivíduos. Ele é também uma instituição cujo caráter varia muito conforme o estágio de desenvolvimento atingido pelas sociedades. O indivíduo, ao crescer, aprende a interpretar os sinais temporais usados em sua sociedade e a orientar sua conduta em função deles. (ELIAS, 1998, p. 15).

Soccer, escape and mimesis: a study on social representations

Abstract: In the present text, we look for to disclose the project of orientation (configuration) between tedious time, soccer, mimesis and daily, by means of the analysis of the speeches of the inhabitants of the COHAB of President Prudente/SP. First, we will effect analyses concerning specific points on the social representations; later, we will show a synthetic analysis on the social representations of the soccer that point with respect to the direction of the escape, on the basis of the contributions of Norbert Elias, Eric Dunning and Roberto da Matta.

Keywords: Soccer. Stress. Leisure activities. Cultural characteristics.

Fútbol, escape y mimesis: un estudio en representaciones sociales

Resumen: En el actual texto, buscamos divulgar el proyecto de la orientación (configuración) entre el tiempo aburrido, fútbol diario y *mimesis*, por medio del análisis de los discursos de los habitantes del COHAB de Presidente Prudente/SP. Primero, efectuaremos análisis referentes a puntos específicos en las representaciones sociales; más adelante, nosotros explicitaremos de la voluntad un análisis sintético en las representaciones sociales del fútbol que señalan con respecto a la dirección del escape, en base de las contribuciones de Norbert Elias, de Eric Dunning y de Roberto da Matta.

Palabras clave: Fútbol. Estrés. Actividades recreativas. Características culturales.

REFERÊNCIAS

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Abordagens do lazer no Brasil:** um olhar processual. 2004. 216 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 65-89, setembro/dezembro de 2007.

MARTINS, José de Souza. Introdução: o decoro nos ritos de interação na área metropolitana de São Paulo. *In*: _____. **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 9-15.

MATTA, Roberto da. **Carnavais malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. *In*: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo Figueiredo (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 31-61.

VALENTIN, Renato B. **Os sentidos das representações sociais sobre futebol e as práticas cotidianas**: o caso dos atores sociais moradores do bairro COHAB de Presidente Prudente, SP. 2006. 284 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Recebido em: 09/04/2007
Aprovado em: 14/06/2007